

APRESENTAÇÃO

A prática etnográfica é o ofício do(a) antropólogo(a) social. Trata-se de uma metodologia que se desenvolveu vinculada aos quadros teóricos e conceituais desenvolvidos pelos intelectuais da antropologia em diferentes ambientes universitários e institucionais e em diversos processos históricos. Ela envolve, de modo singular, as ações de observar, de escutar e de registrar na forma escrita como técnicas de pesquisa operacionalizadas: observações, entrevistas e descrições dos processos de interação com indivíduos e grupos em seus dinamismos macro e micro estruturais. Neste princípio, a grafia das diversidades socioculturais ultrapassa os projetos reacionários de perspectivas realistas e chega à contemporaneidade com disposições dialógicas de enfrentamento das determinações ideológicas e coercitivas e alcança qualidades de convivência social e responsabilidade política de complexidade planetária.

A prática etnográfica é um saber-fazer que adentra o terceiro século da profissão no âmbito das ciências das humanidades como método científico que agrega técnicas quantitativas e qualitativas seguida de análises reflexivas.

A partir das invenções de instrumentos de registros fotográficos, sonoros e, em sequencia, dos registros fílmicos, a produção em imagens, cedo, se colocou como alternativa de apontamento das ações interativas e do patrimônio de culturas em seus simbolismos. Inicialmente, restringindo-se ao estatuto de técnicas de memorização e registros dos pesquisadores, desde o tempo das primeiras invenções, a maquinaria de reprodução do real observado (aparelhos fotográficos) ou escutado (gravadores) faz parte do cotidiano da investigação de campo, da observação direta, das entrevistas, dos diários e relatos.

Dilemas e embaraços desta produção preocuparam os(as) antropólogo(a)s em face da problemática das alteridades e da ética de pesquisa no nascimento da disciplina administrativamente definida por “antropologia visual” ou “audiovisual”. Um aprimoramento técnico e dramático das aprendizagens etnográficas nos herdou hoje um rico patrimônio de produção em imagens visuais e sonoras.

Em face deste significativo acervo etnográfico de antropólogo(a)s, que experiências podemos transmitir? Que aprendizagens podemos legar? Que questões importam agora discutir para agregar um valor político e crítico aos projetos desenvolvidos? E, finalmente, qual, é de fato a contribuição dada pela pesquisa com imagens às pessoas, aos grupos estudados e às ambiências vividas?

Com frequência iniciamos nossas aulas e seminários de antropologia audiovisual tendo por público alvo os alunos de cursos de ciências sociais e de antropologia na graduação e pós-graduação, colocando em discussão as motivações teórico-conceituais da produção de fotografias, vídeos, imagens sonoras e escritas no trabalho etnográfico. Argumentamos sobre como decidir sobre o recurso imagético. Entretanto é logo importante discutir que nem tudo é “fotografável” ou “videografável”, não só pelas exigências de consentimento mas, sobretudo, porque não é pelo excedente de imagens que a pesquisa será melhor, antes porém pelo quanto as imagens produzidas serão significativas no processo de construção do excedente de sentidos para lembrarmos da prática da escritura etnográfica orientada por Roberto Cardoso de Oliveira se inspirando em Paul Ricoeur (Cardoso de Oliveira, 2000: 24 - 35). Na escritura etnográfica o(a) antropólogo(a) está mediante uma experiência reflexiva que qualifica o mundo sensório, corpóreo e simbólico dos grupos pesquisados em suas e nossas lógicas e imaginações.

Em continuidade ao número 31 da Revista *Illuminuras*, dedicamos a revista 32 ao diálogo em torno dessas *démarches*.

É sobre essas *démarches* na pesquisa etnográfica com imagens que abrimos esta revista com o artigo da antropóloga visual francesa Sylvaine Conord. A autora nos apresenta uma meditação sobre a trajetória do recurso iconográfico no campo da antropologia para, nesta base, considerar “A função mediadora da imagem fotográfica!”. Texto originalmente escrito em francês (tradução Camila R. de Moraes) aborda o estatuto da fotografia na relação com a escrita dominante na produção antropológica, sobretudo pela presença da legenda que, sem ser mais realista que o rei, colabora no registro documental contribuindo no sentido da experiência fotografada. A autora interpreta sua experiência de fotografar sobre as formas de sociabilidade de mulheres judias tunisianas residentes em bairro parisiense bem como fotos criadas em viagens na Tunísia e Israel. As imagens incidem na dimensão, segundo a autora, da qualidade da interação da antropóloga-fotógrafa no contexto pesquisado.

Com o mesmo intuito trazemos, na sequência, o artigo do antropólogo argentino Carlos Masotta. Intitulado “¿*Quién necesita imágenes?* notas sobre la ansiedad etnográfica” os leitores irão encontrar, neste texto, o relato de inúmeros desafios sobre a inserção do instrumento fotográfico e fílmico em campo. Lembrando as experiências clássicas como a de Evans Pritchard e a de Marcel Griaule, o autor problematiza os objetivos da tomada de imagens para fins de comprovação do realismo da situação observada. Em outra perspectiva temporal (e espacial), evoca o documentarista

contemporâneo Préloran e sua própria experiência com a pesquisa com imagens para conceber seu potencial revelador na partilha do sensível com os(as) interlocutores.

Em seguida trazemos o artigo de Gabriel O. Alvarez intitulado “Os momentos interpretativos da antropologia e a antropologia visual compartilhada”. O autor empreende um rico diálogo com o antropólogo Roberto Cardoso de Oliveira em suas orientações para o campo antropológico de estudos indígenas tanto quanto convoca aos ensinamentos de Jean Rouch sobre a pesquisa de antropologia visual compartilhada. Com este aporte nos apresenta sua experiência de trabalho de campo junto aos Sateré-Mawé. No relato se destaca o tema da filmagem de rituais em suas singularidades e restituição do trabalho.

Para fermentar o debate continuamos com o artigo intitulado “¿*Habeas repraesentatio*? Dilemas sobre la representación visual y narrativa de los sujetos de investigación en textos antropológicos” de Sigifredo Leal Guerrero. O autor, antropólogo colombiano, nos provoca com o tema da representação imagética e, em especial o instrumento fotográfico e sua extroversão por meios de comunicação, seja na pesquisa de mestrado sobre homens em seus propósitos eróticos (no contexto portenho), seja a partir de sua pesquisa de doutoramento que trata do episódio do massacre que teve lugar em 1985 no Palácio de Justiça na Colômbia em Bogotá provocando mortes e desaparecimentos. Dimensionando seus deslocamentos em ambos os temas-problemas de pesquisa como multisituadas, a verdade é que o autor compartilha conosco os múltiplos embaraços e dilemas das experiências etnográficas, sobretudo no que tange a representação imagética.

O artigo que segue intitulado “Dilemas da dialogicidade na prática da pesquisa antropológica: compartilhando experiências e imprevistos: relatos e reflexões sobre a prática da filmagem em pesquisas antropológicas”, é de Regina Abreu. A antropóloga-autora nos traz um relato denso de sua experiência em campo de pesquisa na produção de filmes etnográficos. Atenta às singularidades dos grupos e contextos pesquisados, Regina Abreu nos aporta uma reflexão sobre a presença da câmera consentida pelos interlocutores. Mas na experiência de campo, não podemos e nem devemos controlar todas as situações. É sobre o imprevisível na pesquisa que a autora se depara. Seguindo a precursora atenção ao inesperado ensinado por Jean Rouch, o artigo nos brinda com a rica trajetória da antropóloga em suas experiências de antropologia fílmica e trocas interdisciplinares no processo de produção.

A antropóloga Rose Satiko Gitirana Hikiji nos apresenta o artigo intitulado

“Rouch Compartilhado: Premonições e Provocações para uma Antropologia Contemporânea”. O título já prenuncia o que encontraremos no artigo: o quanto o trabalho contemporâneo em antropologia visual deve ao antropólogo-cineasta Jean Rouch e a seus ensinamentos sobre o sensório e o corpóreo. A autora traz esta interpretação convocando ao diálogo vários autores que percorreram esta obra pioneira de forma a legar à atualidade a prática compartilhada da antropologia com imagens. Sobre esta base relata sua própria experiência fílmica em contexto periférico em São Paulo.

Outra experiência de antropologia audiovisual voltada para formação de jovens estudantes é o desafio relatado no artigo “Olhares em progresso, olhares em processo, uma experiência de vídeo participativo com jovens que habitam um espaço fronteiriço” da antropóloga argentina Ana Zanotti. Texto originalmente divulgado em inglês em 2008 na revista *Nordicom* foi devidamente autorizado sua publicação em português pelos editores Thomas Tufte, Flor Enghel e Ulla Carlsson. A autora relata o desenvolvimento de um projeto intitulado “um minuto por meus direitos”, desenvolvido para integrar jovens residentes em territorialidades fronteiriças e interioranas ao tema da participação pública e da justiça social. Esta inserção se dá a partir de uma oficina de documentários sob a maestria da autora.

A experiência com redes virtuais é também tema desta revista no artigo intitulado “Antropologia e misticismo: diálogos com uma nativa na rede” de Francirosy Campos Barbosa Ferreira. Pesquisadora no campo da antropologia e islamismo, a autora traz neste artigo uma interpretação sobre a experiência de criar e postar dados em sistema web. O blog, em questão, é espaço de trocas entre a antropóloga e mulheres muçulmanas que se manifestam sobre o conteúdo postado. O blog, desta forma, é tomado (no sentido proposto por Bruno Latour) como tendo agência e inferindo nas relações de troca entre a pesquisadora e o universo pesquisado.

Em sequência apresentamos o artigo de Danielle Araújo intitulado “A exposição letrada momentos e reflexões de *Fotografía en los Andes*”. A autora relata a experiência de fotografar na pesquisa de campo desenvolvida em 2007, no distrito de Pucará no Peru, universo de sua tese de doutorado. Atualmente lecionando em um contexto universitário multicultural em uma cidade de fronteira, o artigo trata da experiência de expor este material nesta ambiência internacional.

Telma Camargo da Silva reparte nesta oportunidade uma rica experiência etnográfica oriunda de um projeto coletivo sobre as *Bonecas Karajá: arte, memória e*

identidade indígena no Araguaia, executada no Museu Antropológico da Universidade Federal de Goiás. É o próximo artigo apresentado. Nesta instância a autora se dedica intensamente a tomada de imagens que também compuseram o seu “diário iconográfico”, registrando o cotidiano vivenciado pelos habitantes da aldeia em seus espaços de sociabilidades, relatado neste artigo intitulado “Registro fotográfico e a dinâmica das negociações na construção da etnografia: minhas experiências com a pesquisa Bonecas Karajá”. Questões em torno do consentimento da realização do projeto de pesquisa, dos esclarecimentos sobre as motivações e perspectivas de reciprocidade objetivando a valorização do patrimônio e da memória cultural do grupo Karajá dinamizam um mundo cósmico em que repousa uma profunda identidade.

Por fim trazemos o artigo de Marcelo Eduardo Leite, Thiago Zanotti Carminati, Carla Adelina Craveiro Silva, Leylianne Alves Vieira intitulado “Um diálogo com os fotógrafos do horto: um ofício na era digital”. Essa contribuição tem por contexto de reflexão a cidade de Juazeiro do Norte, principal centro do Cariri cearense, tradicional palco de manifestações religiosas como as romarias em torno das homenagens ao sacralizado Padre Cícero, e sua estátua erguida no Horto. Cidade e praça dinamizadas por um turismo religioso constante e cada vez mais orientado por perspectivas globais, o fato é que a prática fotográfica nestes eventos é tema de reflexão sobre a técnica, a prática e a trajetória profissional dos fotógrafos locais. O fenômeno de estes aderirem hoje, em grande parte, a técnica digital e construírem novas estéticas de representação imagética destas rotinas (que corroboram no processo de construção da memória social desta cultura urbana), são desafios que a equipe do Laboratório de Narrativas Fotoetnográficas da Universidade Federal do Ceará acolheram e, nesta oportunidade, transmitem seus resultados neste artigo.

Apresentamos duas resenhas e agradecemos aos colaboradores dessas produções. Inicialmente trazemos a resenha escrita por Ronaldo de Oliveira Corrêa sobre o livro intitulado “Uma breve história da curadoria” de Hans Ulrich Obrist, lançado pela Bei Comunicação em 2010. Em seguida apresentamos a resenha de Fernanda Rechenberg sobre o livro “Colonos e Quilombolas. Memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre”, das autoras Irene Santos, Cidinha da Silva, E. P. Dorvalina, Vera Barcellos e Zoravia Bettiol. Publicada em Porto Alegre 2010.

Finalizando trazemos um obituário em homenagem ao antropólogo Jean Arlaud falecido recentemente. A antropóloga Christine Dole-Louveau de la Guigneraye nos

envia esta mensagem em nome da equipe do Phanie, Centro de Etnologia e da Imagem fundada pelo mestre (Texto traduzido por Cornelia Eckert).

Perder a antropóloga visual Miriam Moreira Leite também nos deixa a todos órfãos de seus ensinamentos e saudosos de sua linda pessoa. Trazemos o obituário intitulado “Miriam Lifchitz Moreira Leite (1926-2013) presença marcante entre antropólogos”, enviado pela colega Sylvia Caiuby Novaes, Coordenadora do GRAVI e do LISA na USP onde Dona Miriam era pesquisadora.

Gostaríamos ainda registrar o nosso agradecimento ao trabalho de correção e diagramação da bolsista Sabrina Rosa do Curso de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Cornelia Eckert

Ana Luiza Carvalho da Rocha

Bibliografia

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *O trabalho do antropólogo*. Brasília: Paralelo 15 e São Paulo: Editora UNESP, 2000.